

S O N O R A
Brasil
MUNDO NOVO
Círculo Nacional de Música

Virtude e Promessas



* coleção particular

*** CAMERATA ATHAÍDE ***



Uma iniciativa do SESC voltada para a produção e difusão
da música de tradição oral do Brasil

REGISTRO
SONORO
DA MÚSICA
do BRASIL

.....

Pesquisa e Recolha Musical
Gravação e Edição de CDs
Projetos Culturais
de Difusão Musical

.....

F O R M A Ç Ã O D E O U V I N T E S M U S I C A I S

Administrações Regionais do SESC em Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Ceará, Mato Grosso,
Pará, Santa Catarina e Paraná.



APRESENTAÇÃO

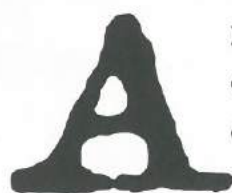
O Projeto Sonora Brasil é parte integrante do trabalho de formação de platéias que o SESC desenvolve na área da música em todo o país, fundamentado na difusão de toda a diversidade cultural possível existente no acervo produtivo elaborado pela humanidade ao longo de sua história conhecida.

Atuando no âmbito de um circuito nacional, a iniciativa do SESC tem por objetivo difundir programas consistentes, efetivamente culturais, identificados com o desenvolvimento histórico da música no Brasil, dos primórdios aos tempos atuais, promovendo a ampliação e qualificação do nível de cultura musical das platéias, através da difusão de programas que venham a compor um painel significativo de parte expressiva da produção musical de nosso país, priorizando aquelas que, por seus valores intrínsecos e qualidade indiscutível, não encontram espaço regular nos meios de comunicação em geral, ausentes, conseqüentemente, dos processos usuais de posicionamento mercadológico.

A realização do Projeto Sonora Brasil, em seu sétimo ano de desenvolvimento, representa a concretização dos objetivos socioculturais do SESC, contribuindo para o processo de desenvolvimento pluralista da sociedade, levando a informação musical aos mais distantes pontos do país.

SESC
Departamento Nacional

*"Música nova é aquela que nunca foi dita.
Então música nova pode significar tanto aquela que existe há mil anos
quanto esta que se faz agora".
Anton Webern.*



música constitui um dos mais importantes valores do patrimônio cultural do Brasil, ocupando lugar de destaque na produção artística de todo o país.

Entendida como elemento fundamental na construção da identidade e imagem do país, a produção musical brasileira, rica e diversificada quanto a estilos, gêneros, ritmos e formas, reúne um elenco de manifestações das mais variadas, constituindo-se em meio privilegiado para o conhecimento de nosso universo cultural.

Reconhecido internacionalmente, determinado segmento dessa produção tem merecido, em nível profissionalizado, tratamento exclusivo no que respeita a aspectos inerentes de produção e difusão, posicionados mercadologicamente de forma a atender demandas geradas pelo mercado do entretenimento.

Por outro lado, coexiste com esta produção obsolescente, outra de caráter mais perene, elaborada através de processos complexos de escritura e oralidade, nascida da permanência viva do patrimônio legado pela tradição histórica, revelando a formação sociocultural do que somos. Uma produção que, remontando às origens históricas do processo de colonização do Brasil, sintetiza a cultura de nosso país.

Paradoxalmente, apesar da diversidade e riqueza dessa produção, é quase inexpressivo o conjunto de iniciativas até hoje empreendidas no sentido devido de sua produção e difusão. Do pouco que se produz, de enorme importância para a difusão do conhecimento sistematizado, permanece quase exclusiva iniciativas voltadas apenas para a pesquisa e publicação de trabalhos teóricos, informações, em geral, restritas aos meios acadêmicos e profissionais, longe do alcance do público em geral.

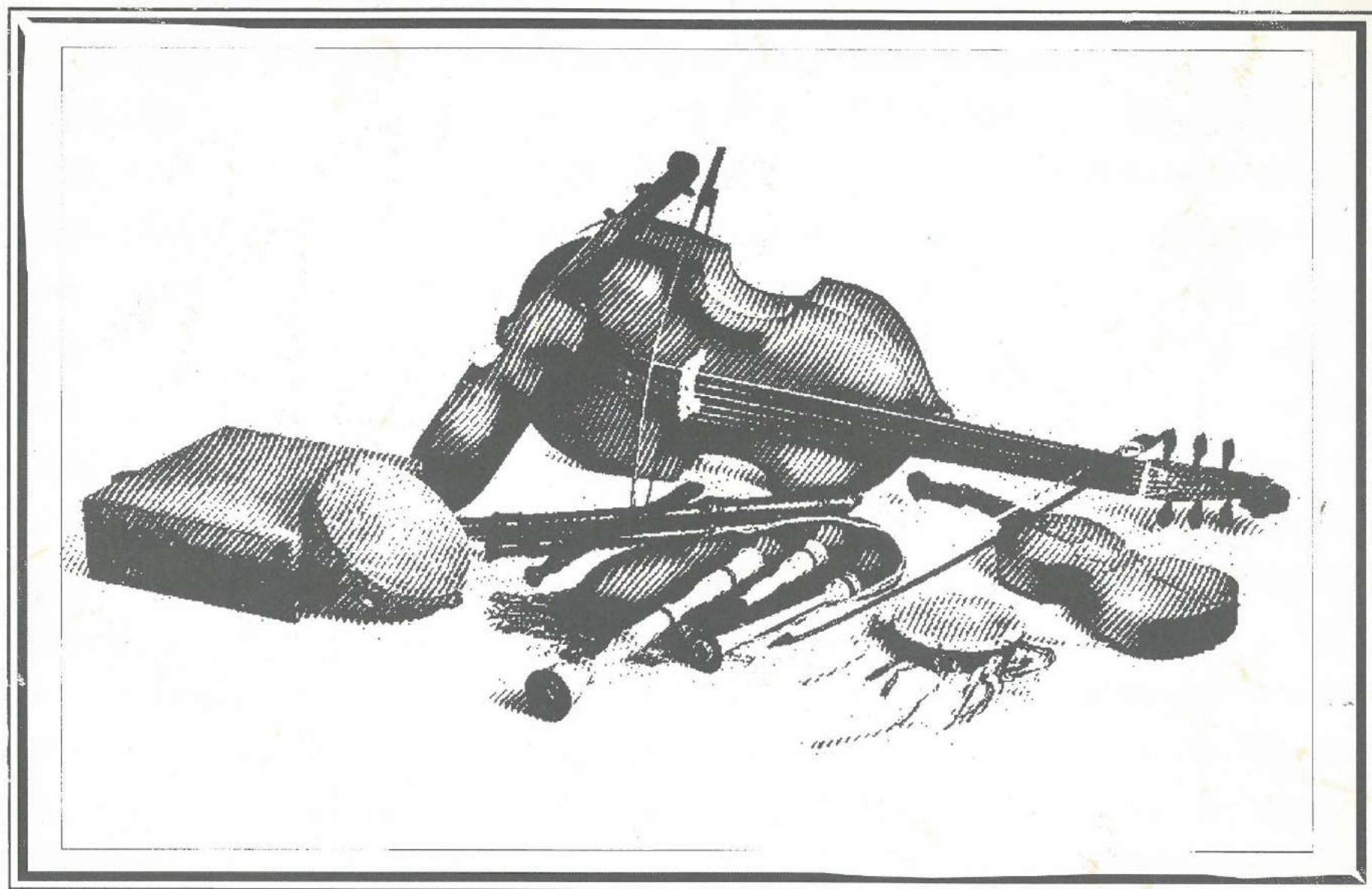
Esse conhecimento, entendido no sentido amplo do termo, deve constituir-se em material sonoro concreto, tornado "prático" num sentido qualificado de difusão, conseqüente enquanto expressão da cultura de um povo.

A música do Brasil, considerada como produção contemporânea, objeto concreto de fruição estética, também precisa ser ouvida. Entendida em seu contexto próprio, caracterizada como produção específica e indissociável de nossa diversidade sociocultural, representativa das diversas regiões de norte a sul do país.

Objetiva-se, pois, enriquecer a cultura brasileira revelando este tesouro de informações musicais disponível, contribuindo de forma efetiva para o processo de difusão do conhecimento sistematizado.

Wagner Campos





CAMERATA ATHAÍDE



Fundado em 1998, o Camerata Athaíde se dedica à pesquisa e à interpretação da música antiga ibero-americana, com ênfase para a música brasileira. O nome do grupo é uma homenagem ao grande pintor colonial mineiro Manoel da Costa Athaíde, que, em diversas vezes, enfatizou a música em suas obras. O teto da Igreja de São Francisco é um exemplo apoteótico de sua feição pela arte dos sons. Segundo biógrafos, Athaíde teria sido ainda um músico amador.

O grupo é formado por músicos e musicólogos que, desde o final dos anos 70, participam ativamente do movimento de música antiga em Minas Gerais, associando-se a vários outros conjuntos e pesquisando a música mineira dos séculos XVIII, XIX e de tradição oral. Também colaboram com o Camerata Athaíde jovens músicos que têm se dedicado ao estudo desta música.

O repertório do grupo contempla uma variedade de poéticas representativas de um verdadeiro “gosto reunido” que caracteriza a música antiga brasileira, como cantigas anônimas de tradição oral, modinhas, lundus e danças dos séculos XVIII e XIX, além de obras de compositores consagrados de nosso período colonial como Emerico Lobo de Mesquita, Luis Alvares Pinto e Pe. José Maurício. Para o coordenador do Camerata Athaíde, Domingos Sávio Lins Brandão, a música que o grupo executa é “homóloga à nossa sociedade barroca, caracterizada por formas abertas, que suscitava sensibilidades diversas: visceral, no som e ritmo dos lundus; arcaica, nos motetos renascentistas de Manoel Dias de Oliveira; medieval, nos romances de tradição oral que evocam ainda hoje a temática e o modalismo dos trovadores; tonal, no baixo-contínuo do barroco e no

clássico baixo de alberti; e futurista, na não observância de cânones musicais de então”.

A riqueza de nossa música está nesse estilo, caracterizado pela multiplicidade. Multiplicidade no ouvir, povo múltiplo, povo dicotômico, povo barroco. É inegável que a música antiga brasileira pertença ao campo da estilística europeia, mas é singular, por ser transmutada e variegada em função de nossa multiplicidade social. Ela é a expressão de uma sociedade que pensou em si mesma e instituiu, como seu código de idéias e valores, sua cosmologia e seu sistema de classificação das coisas do mundo. O Brasil barroco, um mosaico, encontrou seu próprio modo de fazer música.

O Camerata Athaíde, na execução de seu repertório, leva em consideração as práticas interpretativas provenientes do movimento autenticista, o trabalho das orquestras, corporações musicais mineiras, surgidas no século XVIII que ainda atuam, e a tradição oral musical brasileira. O grupo utiliza instrumentos como violas da gamba, cravo, flautas doces, rabecas, gaita de fole, viola de roda. No entanto rejeita a nomeação de instrumentos antigos ou de época, já que esta denominação carrega a imagem de exótica. Afinal, estes instrumentos musicais – que desde o final do século passado conquistaram respeito da comunidade acadêmica – possuem virtudes, potencialidades e qualidades como qualquer outro usado em nossos dias.



◁ CAMERATA ▷



◁ ATHAÍDE ▷

Domingos Sávio Lins Brandão

Bacharel em História pela UFMG, Especialista em Música Brasileira pela Uemg e Mestre em Sociologia da Cultura pela UFMG, estudou flauta doce na Schola Cantorum da Fundação Clóvis Salgado com Ricardo Kanji e Gabrielle. Estudou também musicologia com Conceição Rezende, primeira organizadora do Museu da Música de Mariana. Como flautista, participou de diversos grupos de Música de Câmara, dentre os quais o Conjunto de Música Antiga da Escola de Música da UFMG. Coordenou e integrou o Conjunto Collegium Musicum de Minas, que se dedicou à pesquisa e performance da música barroca e colonial, tendo gravado quatro CDs. É diretor da Escola de Música da Uemg desde 1996, onde leciona História da Música, Estética, Flauta Doce, Música Antiga e Antropologia Cultural.

Alexandre Gloor

Licenciado em Educação Artística, habilitação em Música pela UEMG, Alexandre dedica-se há quinze anos à didática de violino e viola, ministrando na Escola de Formação de instrumentistas de cordas do Sesiminas e na Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais. Estudou violino barroco com Helene Pluff e Luiz Otávio e rabeça com Luiz Fiaminghi em diversos festivais de música. Com Marco Antônio Lavigne, estudou viola. Atuou como violista em diversas orquestras (Orquestra de Câmara Sesiminas, Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, Orquestra Filarmônica Nova e Orquestra da UFMG) e como instrumentista convidado, tocou violino barroco e rabeça com diversos músicos e conjuntos, como Armônico Tributo (Campinas) e Collegium Musicum (BH).

Letícia Bertelli

Letícia Bertelli é bacharel em canto pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Estudou com Eliane Fajiolli, Marcos Thadeu, Mauro Chantal e Luciana Monteiro de Castro, e participou de oficinas de canto barroco com Reinveic Zif Sigudadotir (Islândia), técnica vocal com Neyde Thomas, Lied e oratório com Rolland Hermann (Alemanha) e "canto na música antiga" com Marília Vargas (Basel) – com quem tem aulas regularmente. Letícia integrou o Coral Ars Nova e é membro do Coral Lírico de Minas Gerais desde 1997, onde atua em óperas e concertos. Tem se dedicado à interpretação de música antiga, com ênfase para a música brasileira.

Antônio Carlos de Magalhães

Antônio Carlos de Magalhães – cravista barroco – estudou piano na Escola de Música da UFMG. Especialista em Música Brasileira: Práticas Interpretativas, pela Escola de Música da UEMG, especializou-se também em cravo na cidade do Porto, Portugal, como bolsista do I Festival Internacional de Cravo. Fez cursos de aperfeiçoamento com Pedro Personi, Felipe Silvestre (Portugal), Nicolau de Figueiredo (Suíça), Regina Scholochauer, Edmundo Hora, Beatrice Sterna (Itália), Ilton Wyuniski (França), entre outros. Dedicou-se à intensa atividade camerística, sendo músico fundador do Collegium Musicum de Minas.

Mário Orlando

Estudou Viola da Gamba com Judith Davidoff no Sarah Lawrence College (NY, EUA), onde concluiu o Mestrado em Música Medieval e Renascentista (1987/89). Em 1996 estudou sob orientação de Marianne Müller, no Conservatório Nacional Superior de música, de Lyon, França. Membro fundador do grupo Pró-Arte Dança Antiqua, integrou também vários grupos de Música Antiga no Rio de Janeiro, entre eles o Anonimus, grupo vocal que dirige até hoje. Leciona viola da gamba e dança renascentista nos Festivais de Música de Recife/Olinda, Fortaleza e Natal. Atualmente dirige o Conjunto de Música antiga da UFE, integra o Quadro Cervantes e orienta o Collegium Musicum de Minas com os quais já gravou diversos CDs.



 **PROGRAMA** 

PASTORALE

Domenico Zipoli (1688-1726)



ÓVIRGEM DA
CONCEIÇÃO

Anônimo (séc. XVIII)



MOTETOS
ASSUMPTA EST
EXALTATA EST

Manoel Dias de Oliveira (1738-1813)

RETIRADA
DEL IMPERADOR
DE LOS DOMINICOS
DE ESPAÑA

Luis Álvares Pinto (c.1719-c.1789)

LIÇÕES DE SOLFEJOS
E DIVERTIMENTOS
HARMÔNICOS,
Lição XXII *Lição XIX
*Benedicta Tu In Mulieribus
*Lição XXIII *Beata Virgo

Luis Álvares Pinto (c.1719-c.1789)

FIDELIS SERVUS
SERVE BONE
EUGE SERVE BONE

Anônimos Jesuítas

SOLFÉJOS

*Pe. José Maurício Nunes Garcia
(1767-1830)*



8ª LIÇÃO
PARA MÃTINAS
DE QUARTA-FEIRA
SANTA

*José Joaquim Emerico Lobo de
Mesquita (174?-1805)*



MARCHA

*Francisco Gomes da Rocha
(c.1754-1808)*

ROMANCE DA
IMPERATRIZ
PORCINA

Tradição Oral

TARAMBOTE
Cancioneiro do Mosteiro de
Santa Cruz de Coimbra

Anônimo (séc. XVII)



MISERERE

Manoel Dias de Oliveira (1738-1813)



TÉRCIO
PAI NOSSO
AVE MARIA
GLÓRIA PATRI

*José Joaquim Emerico Lobo de
Mesquita (174?-1805)*



ANOTAÇÕES

PASTORALE
Domenico Zipoli (1688-1726)

Domenico Zipoli é uma das personalidades mais importantes da música nas missões jesuíticas da América Latina. Em 1717, este compositor, vindo da Itália como noviço, instala-se em Córdoba, na Argentina. Suas obras, tocadas praticamente em todas as missões guaranis do continente sul-americano, muitas vezes revelam a preocupação de buscar um encontro entre os valores estéticos do barroco católico europeu e a musicalidade dos índios catequizados. Zipoli foi um dos músicos responsáveis pela introdução do “estilo moderno”, do “baixo-contínuo” na música produzida nas reduções guaranis.

A Pastoral é uma obra que evoca a atmosfera da vida rural. A que executaremos desse autor é de uma categoria: trata-se de uma Pastoral de Natal onde a melodia é acompanhada por um bassi de cornamusa (pedal ou bordão).

Ó VIRGEM DA CONCEIÇÃO *Anônimo (séc. XVIII)*

A devoção à Virgem Maria é marca na música religiosa brasileira desde os primeiros tempos da colônia. Já era tradição na Península Ibérica, na época dos trovadores, fazer música em honra e louvor à Dama Celeste, como a obra do chamado “*Trovador da Virgem*”, o rei D. Afonso X, com suas 420 cantigas. O hino *Ó Virgem da Conceição*, de autor anônimo, foi cantado em Diamantina desde o século XVIII até os meados do século passado pelos detidos na prisão, no momento em que o carcereiro verificava se as grades conservavam-se bem firmes batendo em cada uma das barras da janela com um martelo. Conta-se que os transeuntes, ao passarem pela cadeia, ficavam comovidos até as lágrimas ao ouvirem essa expressiva súplica.

MOTETOS
ASSUMPTA EST - EXALTATA EST
Manoel Dias de Oliveira (1738-1813)

Autor de uma obra vasta e com o domínio de vários estilos musicais, Manoel Dias, nascido em Tiradentes, é considerado um dos principais expoentes da música colonial brasileira. Conta a tradição que, ainda menino, cantava como contralto. Em seus motetos encontram-se poéticas múltiplas: apresenta elementos da música renascentista, evocando Tomas Luis de Vitória e Palestrina, por exemplo; faz uso com maestria do baixo cifrado e do tonalismo do barroco e do classicismo, chegando inclusive, em algumas peças, a não observar os cânones da música européia de seu tempo.

Assumpta Est (Maria foi assunta ao céu, os anjos se alegram e louvando bendizem o Senhor. A Virgem Maria foi elevada à mansão celeste, onde o Rei dos reis está sentado em um trono de estrelas) e *Exaltata Est* (A Santa Mãe de Deus foi exaltada acima dos anjos, no reino dos céus) pertencem à procissão da Assunção de Nossa Senhora.

TÉRCIO - PAI NOSSO - AVE MARIA - GLÓRIA PATRI
José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (174?-1805)

Emerico Lobo de Mesquita é considerado o mais importante compositor colonial mineiro. Sabemos que ele trabalhou como regente até 1775 no Serro e, após esta data, atuou por mais de 20 anos em Diamantina como organista e compositor. Em 1798, transferiu-se para Ouro Preto e em 1800 vai para o Rio de Janeiro, lá falecendo em 30 de abril de 1805. Sua obra é calcada em elementos da música pré-clássica européia, apresentando além disso, ao mesmo tempo, uma rusticidade sonora mineira, como na peça que apresentaremos: *Térçcio* - 1783 (*O Terço*) Trata-se da primeira peça escrita em partitura (não em partes separadas) e a primeira peça sacra escrita em português (e não em latim) da *História da Música Brasileira*. Mais uma vez a devoção à Virgem Maria aparece com muita singeleza nesta jóia da música brasileira.



RETIRADA DEL IMPERADOR
DE LOS DOMINICOS DE ESPAÑA

Domenico Zipoli (1688-1726)

A fama de Domenico Zipoli ultrapassa rapidamente os limites de Córdoba, cidade argentina onde ele se instalou em 1717, pois suas obras eram solicitadas por correspondência pelas várias missões guaranis do continente sul-americano, inclusive e certamente, as do sul do Brasil. Porém, no auge de sua atividade de compositor e organista e logo após completar seus estudos teológicos e ser ordenado sacerdote, falece em janeiro de 1726, aos 37 anos. Nesta obra, executada ao solo de cravo, Zipoli apresenta sua visão musical sobre a visita do Rei da Espanha a um convento de frades dominicanos.

LIÇÕES DE SOLFEJOS
DIVERTIMENTOS HARMÔNICOS

Luís Álvares Pinto (c.1719 - c.1789)

Luis Álvares Pinto foi professor, teórico, violoncelista e compositor pernambucano, autor da obra *O Músico e o moderno sistema para solfejar sem confusão*, de onde foram extraídos estes solfejos. Nesta obra, o autor recomenda que “os solfejos devem ser curtos, pois não devemos molestar os estudantes com solfejos extensos, porque para conhecer intervalos, bastam que eles sejam breves e bem meditados, antes que extensos, bem sabidos e simplesmente decorados”. Já os *Divertimentos Harmônicos*, em estilo barroco tardio e com o emprego da técnica imitativa, utilizando letras retiradas de louvores a Nossa Senhora, eram destinados à prática musical coletiva. *Solfejos nºs XXII, XIX, XXIII e XXIV, e Divertimentos: Beata Virgo* (Virgem beata, que deu à luz o Salvador: socorrei os aflitos!) e *Benedicta Tu in Mulieribus* (Bendita tu sejas entre as mulheres e bendito seja o fruto de teu ventre!).



F I D E L I S S E R V U S
E U G E S E R V E B O N E
S E R V E B O N E

Anônimos Jesuítas

O uso da música pelos jesuítas ultrapassou sua intenção catequética inicial, pois com o passar do tempo, acabou por formar na América uma verdadeira escola de compositores, instrumentistas, cantores e luthiers. Nicolás du Toit, cronista que visitou as missões, assinalou a existência de “*escolas*” em vários povos do Paraguai, onde os novos cristãos aprendiam a tanger instrumentos. O músico Mateus Strobl, inclusive em visita às missões, observou que os índios “*cantam com tanta graça e arte que quem não os estivesse olhando acreditaria que eram músicos das melhores catedrais da Europa*”. Estas três Antífonas em forma de *Ária*, encontradas na Missão de Chiquitos (Bolívia), são notáveis exemplos da qualidade da música cultivada nas Missões. Eram cantadas nas Vésperas do Confessor não-Pontífice, ou seja, na festa de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus. Os textos são partes do Evangelho segundo São Mateus:

* *Fidelis Servus*: Servo fiel e prudente que o Senhor constituiu sobre sua família.

* *Euge Serve Bone e Serve Bone*: Servo bom e fiel entra na alegria de seu Senhor.

S O L F E J O S

Pe. José Maurício Nunes Garcia (1767-1830)

Estes solfejos são de autoria do mais famoso compositor carioca do período colonial brasileiro, o Pe. José Maurício. Quando D. João VI desembarcou no Rio de Janeiro, ficou admirado com o talento deste músico. José Maurício tornou-se mestre de capela da Catedral do Rio de Janeiro exercendo as funções de organista, regente e compositor. Era admirado pela sua capacidade de improvisar e suas obras, em sua maioria sacras, revelam o conhecimento da estilística clássica e pré-romântica. Os solfejos foram originariamente compostos com a finalidade pedagógica, para o seu compêndio de música *Método de Pianoforte* – 1821.

8ª LIÇÃO PARA MATINAS
DE QUARTA-FEIRA SANTA
José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (174?-1805)

Emerico Lobo de Mesquita, compositor, organista e regente é considerado o mais importante autor colonial mineiro. *A 8ª Lição para Matinas de Quarta-feira Santa*, para canto solo, cordas e contínuo, foi composta para o ritual da Semana Santa. Ela trata do momento da Santa Ceia. É impressionante como este autor trabalha os afetos de acordo com o sentido das palavras, jogando com o claro/escuro tonal e rítmico. No momento em que Jesus diz que *“este cálice é o novo Testamento”*, a música torna-se mais clara; já no momento em que o Evangelista diz *“todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes este cálice anunciareis a morte do senhor”*, a tonalidade torna-se mais fechada.

“Ego enim accepi a Domino: Com efeito, recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão, dando graças, o partiu, e disse: “Aceitai e comei; isto é o meu corpo que será entregue por vós; fazei isto em memória de mim”. Igualmente também, depois de Ter ceado, tomou o cálice, dizendo: “Este cálice é o novo Testamento no meu sangue; fazei isto em memória de mim, todas as vezes que o beberdes”. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciarei a morte do Senhor, até que ele venha.”

T A R A M B O T E
Cancioneiro do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra
Anônimo (séc. XVII)

Uma das raridades do repertório instrumental ibero-brasileiro, proveniente do Cancioneiro do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (sec. XVII), é a peça *“Tarambote”*. Definida, vagamente, como um concerto vocal e instrumental ou antiga canção popular, ela evoca a estrutura de uma canzona na qual os dois instrumentos solistas imitam um ao outro sobre um *“guião”* (baixo contínuo). Seu caráter jocoso sugere que ela poderia ter sido executada em ocasiões especiais no mosteiro pelos próprios monges, já que

temos notícias de que instrumentos eram fabricados e usados com igual freqüência naquele mosteiro, que era um dos principais centros da música portuguesa dos séculos XVI e XVII. Há de assinalar ainda que padres oriundos neste mosteiro vieram para o Brasil para exercer, além das funções sacerdotais, o trabalho de composição e de instrumentistas.

M I S E R E R E

Manoel Dias de Oliveira (1738-1813)

O salmo 51, Miserere, ainda é executado durante a quaresma e semana santa: “*Tem piedade de mim, ó Deus, por teu amor! Apaga minhas transgressões, por tua grande compaixão! Lava-me inteiro da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado!*”

M A R C H A

Francisco Gomes da Rocha (c.1754-1808)

Raríssimas são as peças não sacras do período colonial como a *Marcha* de Gomes da Rocha. Este compositor, cantor regente e instrumentista, atuou durante toda sua vida profissional em Ouro Preto. Sua obra revela conhecimento da estilística pré-clássica e requintada linguagem harmônica. As marchas eram utilizadas em todas as ocasiões, inclusive nas festas religiosas, já que estas faziam parte do calendário civil. Alguns documentos do século XVIII nos descrevem festas cívico-religiosas onde, além da participação de coros, tocavam-se clarins, charamelas, tambores, tamboril, flautas e até pífaros indígenas.

Assumpta Est (Maria foi assunta ao céu, os anjos se alegram e louvando bendizem o Senhor. A Virgem Maria foi elevada à mansão celeste, onde o Rei dos reis está sentado em um trono de estrelas) e *Exaltata Est* (A Santa Mãe de Deus foi exaltada acima dos anjos, no reino dos céus) pertencem à procissão da Assunção de Nossa Senhora.

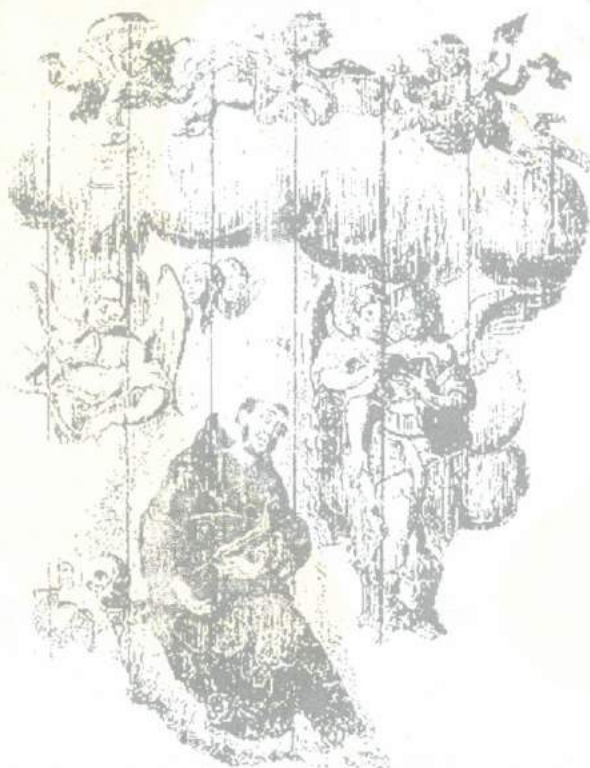


ROMANCE DA IMPERATRIZ PORCINA

Tradição Oral

O romance, que na Idade Média era uma forma de poesia cantada com acompanhamento instrumental, chegou ao Brasil com os primeiros colonizadores. Muitas destas antigas músicas, de caráter modal, continuam, até hoje, a ser cantadas em várias regiões do Brasil, algumas conservando letras referentes ao passado medieval, outras com novas letras que apresentam uma temática mais regionalista. *O Romance da Imperatriz Porcina*, recolhido em Minas Gerais, é uma referência direta à *Cantiga da Santa Maria nº 5* de Afonso X. Sabemos que a letra é bem conhecida no nordeste, porém a música aqui apresentada que acompanha a letra de fundo é de autoria desconhecida e carrega um forte caráter medieval.

Domingos Sávio Lins Brandão



2^{do} Dueto

Amen Ave Maria cheia de graça O Je - sus - de Com - voico

Amen Ave Maria cheia de graça O Je - sus - de Com - voico

de mal a men

de mal a men

a Sim na Ter - ta Co - mo no Ceo O Pai no so de Ca da di - a nos dai ho - je

a Sim na Ter - ta Co - mo no Ceo O Pai no so de Ca da di - a nos dai ho - je

O Pai no so de Ca da di - a nos dai ho - je

O Pai no so de Ca da di - a nos dai ho - je

2 - BENEDICTA TU IN MULIERIBUS

(Recife, BRASIL, 1776)

Pesquisa: Mercedes Reis Pequeno / Ernani Aguiar

Luís Alvares Pinto

Transcrição: Paulo Castagna

(Recife, c.1719 - idem, c.1789)

Suprano

Tenor

Basso

Be - ne - dí - cta tu in Mu - li - é - ri -

Be - ne - dí - cta tu in Mu - li - é - ri -

Be - ne - dí - cta tu in Mu - li - é - ri - bus et be - ne -

5

S

T

B

bus, et be - ne - dí - ctus fru - ctus ven - tris tu -

bus, et be - ne - dí - ctus fru - ctus ven - tris tu - i,

di - ctus, be - ne - dí - ctus fru - ctus ven - tris tu - i.

10

S

T

B

i, be - ne - dí - cta tu in mu - li - é - ri -

be - ne - dí - cta tu in mu - li - é - ri - bus et be - ne -

14

S
bus, et be - ne - di - ctus fru - ctus ven - tris, ven - tris

T
di - ctus, et be - ne - di - ctus fru - ctus ven - tris

B
bus, et be - ne - di - ctus fru - ctus, fru - ctus ven - tris

19

S
tu - i, be - ne - di - cta tu in mu - li - é - ri -

T
tu - i. Be - ne - di - cta tu in Mu - li - é - ri -

B
tu - i. Be - ne - di - cta tu in Mu - li - é - ri - bus et be - ne -

24

S
bus, et be - ne - di - ctus fru - ctus ven - tris, ven - tris tu - i.

T
bus, et be - ne - di - ctus fru - ctus ven - tris, ven - tris tu - i.

B
di - ctus fru - ctus ven - tris tu - i, ven - tris tu - i.

"Pastorale"

Domenico Zipoli

Violine I/2

Viola

Cello/Baß

9

17

25

33

TEXTOS

Ó VIRGEM DA CONCEIÇÃO

Ó Virgem da Conceição
Maria Imaculada

Vós sois advogada dos pecadores
E a todos encheis de graças com a vossa feliz grandeza
Vós sois do céu, princesa; do Espírito Santo, esposa
Santa Maria mãe de Deus, rogai a Jesus por nós
Tende misericórdia, Senhora
Tende misericórdia de nós, Maria mãe de graça
Mãe de misericórdia, livrai-nos do inimigo
Na hora da morte
Amém
Senhor Deus
Deus, misericórdia
Deus, por vossa Mãe Maria Santíssima, misericórdia

MOTETOS

ASSUMPTA EST

Assumpta est, Maria in caellum, gaudent
Angeli laudantes,
laudantes benedicunt Dominum
Maria Virgo assumpta est, at etherium,
thalamum, in quo rex regnum,
regnum stelato, sedet solio

EXALTATA EST

Exaltata est, sancta Dei genitrix
Super chorus Angelorum,
ad caelestia regna.

LIÇÕES DE SOLFEJOS DIVERSOS HARMÔNICOS

Beata Virgo, quae peperisti Salvatorem:
succurre cadentibus.

Benedicta tu in mulieribus,
et benedictus fructus ventris tui!

FIDELIS SERVUS

Fidelis Servus et prudens
Quem constituit Dominus
Super familiam suam

EUGE SERVE BONE

Euge Serve Bone
In modico fidelis
Intra in gaudium
Domini tui

SERVE BONE

Serve Bone et fidelis
Intra in gaudium Domini tui

MISERERE

Miserere mei, Deus, secundum magnam
misericordiam tuam.
Et secundum multitudinem miserationum
tuarum,
dele iniquitatem meam.
Amplius lava me ab iniquitate meã:
Et a peccato meo munda me.

TÉRCIO

Pai nosso que estais no céu...
Ave Maria cheia de graça...
Glória ao pai...

8ª LIÇÃO PARA MATINAS DE QUARTA- FEIRA SANTA

Ego anim accepi a Domino, quod et tradidi vobis, quoniam Dominus Jesus, in qua nocte tradebatur, accepit panem, et gratias agens fregit, et dixit: "*Accipite, et manducate; hoc est corpus meum, quod pro vobis tradetur: hoc facite in meam, commemorationem*". Similiter et calicem, postquam coenavit, dicens: "*Hic calix novum Testamentum est in meo sanguine; hoc facite, quotiescumque bibetis, in meam commemorationem*". Quotiescumque enim manducabitis panem hunc, et calicem bibetis, mortem Domini annuntiabitis, donec veniat.

ROMANCE DA IMPERATRIZ PORCINA

(baseado na tradição oral
nordestina)

Esta é como Santa Maria ajudou a Imperatriz Porcina a superar os grandes sofrimentos pelos quais passou

*Quem quiser superar os tormentos
deste mundo*

Deve sempre recorrer a Santa Maria

Vou agora narrar um grande milagre que Santa Maria, mãe de Deus, fez pela Imperatriz Porcina de Roma, que ajudou a vencer as tentações do demônio e a guardou do mundo que lhe fizera mal juízo.

Esta senhora de que vos falo foi mulher do Imperador Lodônio, senhor de Roma. Era tão formosa quanto a mais bela flor. Por ser servidora de Deus e amar a sua lei, Santa Maria quis ainda mais lhe proteger.

O Imperador Lodônio queria muito bem a sua mulher, e Porcina, amava o seu marido mais do que outra pessoa. Por servir a Deus e ser um bom homem, o Imperador cruzou o mar e partiu em peregrinação para a Terra Santa.

O Imperador confia a guarda de sua mulher ao seu irmão Albano. Este aproveita da ausência de Lodônio para abusar da cunhada. A Imperatriz, como castigo, manda prender Albano em uma torre.

Aproximando-se do dia da volta do Imperador, Porcina libera, com um ato de generosidade, o cunhado. Mas este a calunia, acusando-a de adultério. Lodônio ordena três escravos a conduzir sua mulher a um bosque e matá-la.

O conde Clitaneu que se encontrava nas cercanias do bosque libera Porcina. Ignorando sua identidade de Imperatriz, leva-a consigo para seu castelo, confiando-lhe a tutela de sua filha de poucos meses.

Um irmão de conde, Natão, se enamora dela e para vingar-se do amor não correspondido degola a sobrinha deixando a espada na mão de Porcina adormecida. O conde ordena que ela seja abandonada numa ilha deserta para lá morrer.

Na ilha aparece-lhe Santa Maria, Mãe de Deus, que a livra dos animais, a protege das tempestades, tolhe-lhe a fome e lhe revela o poder de algumas ervas capaz de curar a lepra e todas as outras enfermidades.

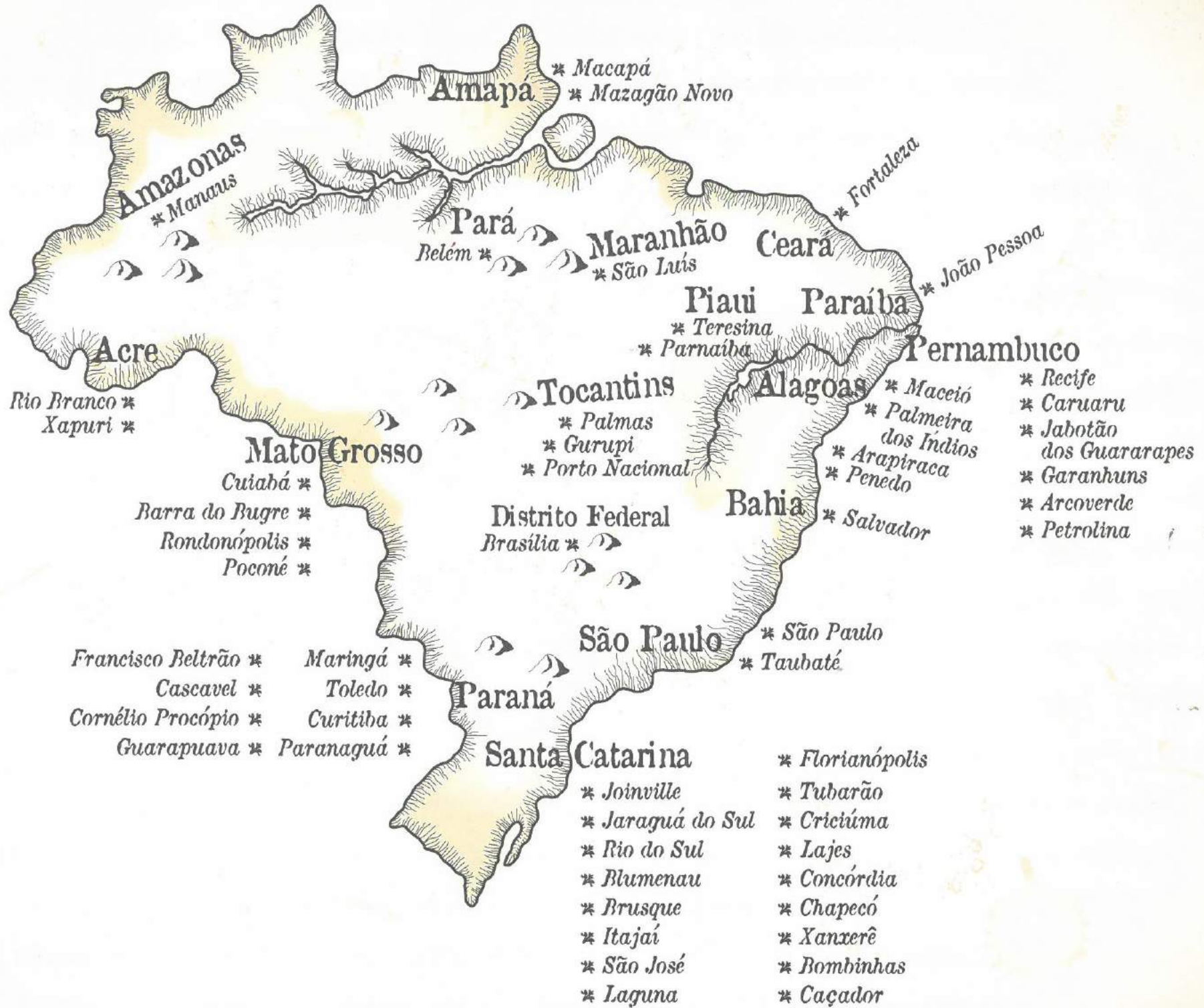
A Imperatriz Porcina recolhe as ervas e faz com elas um unguento. Salva por um navio, enviado pela Mãe de Deus, começa a curar os doentes de todos os males sob falsas vestes.

Chamada pelo conde Clitaneu para curar seu irmão Natão, adoentado de lepra, antes de curá-lo lhe impõe, sem se fazer reconhecer sob falsas vestes, uma confissão dos maus feitos operados contra ela.

Porcina é chamada em Roma pelo Imperador Lodônio porque o irmão deste, Albano, caiu doente com uma grave moléstia. Ainda sob falsas vestes, impõe a este uma confissão dos maus feitos realizados contra ela.

Depois da confissão, Porcina pôde ser reconhecida é então aclamada como a legítima esposa do Imperador. Assim, por interseção de Santa Maria junto a seu filho Jesus Cristo, os dois puderam viver longos anos felizes no trono de Roma.

SONORA BRASIL * MVNDO NOVO * Circuito Nacional de Música





CDRM

Centro de Difusão e Realizações Musicais

Uma iniciativa do SESC voltada para a formação de platéias, atuando no âmbito da diversidade musical disponível no acervo de conhecimentos elaborado pela humanidade ao longo de sua história conhecida.

- Salas de Música
- Fonotecas
- Centros de Tecnologias Musicais
- Estúdios de Gravação

Cursos, Oficinas, Audições orientadas, Pesquisas e estudos, Workshops, Gravações musicais.

Acervos fonográficos de referência histórica, Banco digital de partituras, Editoração musical, Bibliotecas musicais especializadas, Projetos culturais de produção de CDs.

Administrações Regionais do SESC em Alagoas, Distrito Federal, Mato Grosso e Pernambuco





FEMUCIC

Festa da Música Cidade Canção
REDE INTEGRADA DE MOSTRAS DE MÚSICA DO SESC



- Mostra Nacional de Música
- Mostras Regionais de música
- Feiras de Música
- Workshops e Seminários
- Registros fonográficos das produções regionais

Uma iniciativa voltada para a difusão da Música Brasileira, contribuindo para o processo de descentralização da produção nacional.

Administrações Regionais do SESC em Paraná, Santa Catarina, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Mato Grosso, Tocantins, Rondônia, Pará, Amazonas e Acre



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

CONSELHO NACIONAL

Presidência
Antonio Oliveira Santos

DEPARTAMENTO NACIONAL

Direção Geral
Maron Emile Abi-Abib

PROJETO SONORA BRASIL - MUNDO NOVO

Círculo Nacional de Música

REALIZAÇÃO

SESC - Departamento Nacional

PROJETO E PRODUÇÃO

DPS - Divisão de Programas Sociais
GCL - Gerência de Cultura e Lazer

CURADORIA E DIREÇÃO MUSICAL

Wagner Campos

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Departamentos Regionais do SESC em :
SC, PR, SP, DE, MT, TO, PA, AM, AC,
AP, MA, PI, CE, PE, PB, AL, BA.

SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO GRÁFICA

DPD - Divisão de Planejamento e Desenvolvimento
GDP - Gerência de Divulgação e Promoção Institucional

DESIGN GRÁFICO

Vinicius Borges

ILUSTRAÇÃO CAPA

Artista Desconhecido
"Paisagem"
Direitos Reservados

FOTOGRAFIA DE ILUSTRAÇÃO

Ismar Ingber

SONORA BRASIL
MUNDO NOVO

Labores e Brinquedo



julho / agosto / setembro 2004

SESC
NACIONAL